

DO GIZ À NATUREZA: A PERCEPÇÃO DOS FUTUROS BIÓLOGOS NA EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL INFANTIL

Nicole de Oliveira Braga¹
Maria Eduarda Lacerda Miranda²
Leticia Gonçalves Guedes³
Sabrina Almeida⁴

RESUMO

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é fundamental para a formação de profissionais éticos, críticos e socialmente comprometidos. Este trabalho tem como objetivo investigar a percepção de estudantes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba, que atuaram como voluntários no projeto de extensão Amigos do Cerrado. Implantado em 2016, o projeto promove a educação ambiental crítica e o letramento ecológico para crianças do ensino fundamental, valorizando o bioma Cerrado. Por meio de questionário semiestruturado, foram analisadas respostas de 18 dos 38 extensionistas que participaram do projeto desde sua implantação (47%). Os resultados revelam que a vivência na extensão transformou significativamente a visão dos estudantes sobre o papel social da universidade. Além disso, 88,9% relataram impactos positivos em aspectos pessoais e 94,4% destacaram benefícios acadêmicos. As principais habilidades desenvolvidas incluem comunicação (38,9%) e didática (27,8%), além do fortalecimento da autonomia e da capacidade de resolução de conflitos. Para os egressos que participaram da pesquisa, foi enfatizado que a participação do projeto ainda hoje influencia positivamente sua vida profissional, um deles se tornou educador ambiental e outro manifestou o desejo em se tornar docente. A experiência direta com práticas pedagógicas e com o público infantil levou muitos voluntários a reconsiderarem sua relação com a docência, despertando interesse pela carreira educacional. Os dados evidenciam o potencial da extensão universitária como ferramenta formativa, capaz de integrar saberes acadêmicos e populares em um processo de mão dupla, crítico e transformador. Ressalta-se, portanto, a urgência de ampliar os debates sobre a curricularização da extensão, consolidando-a como eixo estruturante na formação de profissionais socialmente comprometidos.

Palavras-chave: Extensão universitária, Educação crítica, Formação profissional, Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa, campus Rio Paranaíba – UFV/CRP - MG, nicole.braga@ufv.br;

² Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa, campus Rio Paranaíba – UFV/CRP - MG, melmiranda1412@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa, campus Rio Paranaíba – UFV/CRP- MG, leticia.guedes@ufv.br;

⁴ Professora pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa, campus Rio Paranaíba – UFV/CRP - MG, sabrina.almeida@ufv.br;



No contexto contemporâneo de múltiplas crises – ambientais, sociais, educacionais e éticas –, a universidade é convocada a redefinir seu papel na sociedade. A extensão universitária desponta, então, como elo estratégico entre saber científico e comunidade, promovendo o diálogo entre diferentes formas de conhecimento e práticas sociais. Essa perspectiva dialógica e emancipatória da extensão é expressa por Paulo Freire (1996) e serve de modelo para outros autores como Gadotti (2016), Klauck e Brodbeck (2010) e Sousa et al. (2022), que defendem a universidade como um espaço de produção coletiva de saberes e de intervenção social qualificada.

A educação ambiental crítica, por sua vez, emerge como instrumento para repensar a relação entre a humanidade e a natureza. Segundo Loureiro (2012), tal abordagem exige uma formação cidadã, reflexiva e transformadora, que vai além da simples transmissão de conteúdos ecológicos. A construção de valores, atitudes e práticas sustentáveis passa pelo envolvimento ativo dos sujeitos nos processos educativos, como destacam Klauck e Brodbeck (2010) ao relatar os impactos de ações extensionistas na formação de estudantes e na conscientização de comunidades locais.

A curricularização da extensão representa um avanço significativo no fortalecimento do papel social das universidades públicas brasileiras. Ao integrar ações extensionistas aos currículos dos cursos de graduação, estabelece-se uma ponte entre o conhecimento acadêmico e as demandas concretas da sociedade, promovendo uma formação mais crítica, ética e cidadã. Essa diretriz, determinada pela Resolução CNE/CES nº 7/2018 (Brasil, 2018), assegura que pelo menos 10% da carga horária dos cursos de graduação seja dedicada a atividades de extensão, ampliando a vivência dos estudantes com realidades diversas e desafiadoras fora dos muros da universidade. Segundo Freire (1996), a educação deve ser prática de liberdade, e não de dominação; nesse sentido, a extensão universitária deve se constituir como espaço de diálogo e construção coletiva do conhecimento, em consonância com a realidade social.

Mais do que uma exigência normativa, a inserção da extensão nos currículos contribui para a construção de uma universidade mais dialógica, onde o saber é produzido em conjunto com a comunidade e não apenas transferido. Ao vivenciar experiências práticas em contextos sociais diversos, os estudantes desenvolvem competências interdisciplinares, empatia e compromisso com o bem comum, o que fortalece a função transformadora do ensino superior. Para Gadotti (2016), a extensão universitária é um instrumento estratégico de transformação social, e sua



curricularização amplia o alcance dessa missão. Assim, a curricularização da extensão consolida-se como um eixo estruturante na formação acadêmica, articulando ensino, pesquisa e responsabilidade social de forma indissociável, como propõe a própria concepção freireana de educação como prática emancipatória.

Além disso, a prática extensionista contribui de forma decisiva para a formação docente. A capacitação de profissionais sensíveis às questões socioambientais é um desafio encontrado em todas as áreas, especialmente em Ciências Biológicas. Desse modo, a extensão universitária, ao permitir a imersão em realidades diversas, possibilita aos estudantes vivência concreta dos conteúdos teóricos, fortalecendo a articulação entre teoria e prática. Tesser et al. (2018) e Peretiatko et al. (2020) reforçam essa ideia ao destacar que a extensão promove a articulação entre ensino e realidade social, formando sujeitos mais críticos e atuantes. Da mesma forma, Santos (2018) e Pinheiro e Narciso (2022) argumentam que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é essencial para consolidar uma universidade comprometida com o desenvolvimento humano profissional e integral.

O projeto “Amigos do Cerrado”, desenvolvido desde 2016, pela Universidade Federal de Viçosa – *Campus* Rio Paranaíba (UFV-CRP), está inserido nessa lógica. Com foco no letramento ecológico e a educação ambiental crítica para crianças do ensino fundamental de escolas públicas, com foco no bioma Cerrado, promove ações lúdicas e educativas em escolas públicas do município (Almeida et al. 2021). A participação dos estudantes do curso de Ciências Biológicas nesse projeto tem se configurado como um espaço potente de formação crítica, docente e cidadã.

A partir dessa experiência, futuros docentes e todos os outros profissionais são estimulados a refletir criticamente sobre seu papel social, ampliando sua formação para além da sala de aula. Assim, projetos de extensão e seu impacto se tornam uma oportunidade singular de investigação sobre a formação universitária. Para a Universidade, a realização dessa pesquisa valoriza a extensão universitária, ainda mais com a curricularização da extensão (Almeida et al. 2021), pois reforça o papel da extensão como eixo formativo e transformador na educação superior. Além disso, promove a produção de conhecimento aplicado, uma vez que os resultados da pesquisa poderão fundamentar novas práticas extensionistas e políticas educacionais voltadas à formação ambiental crítica.



Mediante o explicitado, o objetivo do presente estudo foi avaliar a percepção dos estudantes de Ciências Biológicas, na modalidade bacharelado, da Universidade Federal de Viçosa – *Campus* Rio Paranaíba, sobre sua vivência extensionista no projeto "Amigos do Cerrado", identificando os impactos em sua formação acadêmica, profissional e pessoal.

METODOLOGIA

Análise dos dados e aprovação pelo Comitê de Ética

A pesquisa apresentou caráter qualitativo, exploratório e descritivo. A coleta de dados foi realizada por meio de aplicação de questionários semiestruturados com estudantes e egressos do curso de Ciências Biológicas da UFV-CRP que participaram do projeto desde de seu início, em 2016. Ao todo, participaram do projeto 19 estudantes e, atualmente, este conta com outros 19 estudantes, totalizando cerca de 38 voluntários ao longo do tempo.

O questionário foi analisado conforme a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016), com categorização temática e também pela análise de avaliação. O estudo respeitou os princípios éticos definidos pela Resolução 466/2012 do CNS, incluindo a aplicação do TCLE, e o projeto de pesquisa foi devidamente submetido à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFV-CRP .

Os dados quantitativos obtidos por meio de questões fechadas do questionário semiestruturado foram analisados com o objetivo de identificar padrões e frequências nas percepções dos participantes. Para tanto, foi realizada uma análise descritiva com cálculo de frequências absolutas, médias e desvio-padrão. Essa abordagem permite quantificar tendências gerais e oferecer uma visão panorâmica das respostas, sem, contudo, perder o caráter interpretativo do contexto social investigado (Gil, 2019).

Os dados qualitativos, por sua vez, foram obtidos através de questões abertas do mesmo questionário semiestruturado. As perguntas presentes nesta sessão tinham como objetivo levar o entrevistado a refletir a respeito de aspectos sobre sua atuação no projeto de extensão “Amigos do Cerrado”. Alguns dos tópicos abordados referiam-se a mudança de entendimento do termo e do significado social da extensão, antes e depois



da experiência obtida com sua participação, se foram percebidos impactos positivos oriundos da experiência extensionista em sua formação acadêmica, vida pessoal ou vida profissional, este último direcionado especificamente para egressos, habilidades e características desenvolvidas, mudança da visão sobre a carreira docente, entre outros aspectos.

O projeto de extensão “Amigos do Cerrado”

As atividades têm início no começo do ano letivo, quando a professora coordenadora estabelece contato com as escolas públicas do município de Rio Paranaíba, a fim de identificar aquelas interessadas em participar da proposta naquele período. Uma vez manifestado o interesse por parte da instituição, a coordenadora verifica a faixa etária e a série das turmas que se mostraram favoráveis ao projeto, garantindo que as docentes responsáveis estejam devidamente informadas e de acordo com a sua participação.

Após identificar quantas turmas estão disponíveis, a coordenadora entra em contato com os discentes do curso de Ciências Biológicas de todos os semestres realizando uma convocação de voluntários para atuarem na condução das atividades. A partir do momento que os interessados se manifestam e são definidos os participantes, ocorrem reuniões semanais com o intuito de planejar e organizar as ações do projeto para o semestre vigente. Nesses encontros são discutidos aspectos como o cronograma do semestre e o que será realizado em cada visita à escola. Para a execução das atividades, os estudantes são agrupados em duplas ou trios, garantindo que os veteranos do projeto fiquem pareados com calouros, pois estes já sabem como o projeto funciona e como conduzir as aulas.

Os discentes realizam visitas quinzenais às escolas previamente designadas, já com o material produzido nas reuniões e ministram aulas e promovem atividades lúdicas com duração aproximada de uma hora, utilizando diferentes estratégias pedagógicas como o uso de *datashow* com slides e vídeos, atividades impressas, materiais recicláveis, brincadeiras, dinâmicas ao ar livre e eventualmente a organização de visitas dessas turmas à Universidade Federal de Viçosa - *Campus* Rio Paranaíba, para oficinas com professores e alunos capacitados, fortalecendo a integração entre universidade e escola.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

De um total de 38 voluntários que participaram do projeto “Amigos do Cerrado” desde o seu início, no ano de 2016, até aos que participam atualmente, no ano de 2025, cerca de 18 indivíduos colaboraram com a pesquisa, o que corresponde, por sua vez, a 47% do número amostral. Destes, 66,7% relatou nunca ter tido, anteriormente, experiência nas áreas de Educação Ambiental e divulgação científica, ou de ter trabalhado com o público infantil, tendo sido esta, sua primeira oportunidade.

Em relação ao tempo de participação no projeto, a grande maioria, representada por 55% dos entrevistados, teve sua participação ocorrendo no período de um semestre letivo; já a minoria, 18% dos entrevistados, participou por cerca de dois semestres. Em contrapartida, os demais voluntários (27%), permaneceram no “Amigos do Cerrado” ao longo de três semestres letivos ou mais. O período máximo de atuação observado entre os participantes foi de sete semestres letivos, o equivalente a um intervalo de três anos e meio de atuação como extensionista, o que corresponde a mais da metade do curso de graduação (com duração média de 4 anos). Esses resultados revelam que a extensão têm a capacidade de estimular a permanência, a adesão e o engajamento a longo prazo dos estudantes universitários. Este fato torna-se ainda mais importante quando considera-se que alunos são o pilar fundamental da extensão, uma vez que, é através deles que o conhecimento científico torna-se acessível à sociedade, permitindo a troca e construção de novos saberes e conhecimentos transformadores da realidade social (Gadotti, 2016; Klauck e Brodbeck, 2010; Sousa et al., 2022).

Somado a isso, quando questionados acerca dos fatores que os motivaram a participar deste projeto, as respostas variaram desde a necessidade da obtenção de horas complementares para o aproveitamento em disciplinas posteriormente, interesse pela área de Educação Ambiental, até aquelas que reconheciam o potencial da extensão para seu aprimoramento pessoal e profissional, e potencial transformador da sociedade. Como se trata de um projeto com apelo ambiental para um público infantil, alguns entrevistados mostraram enxergar a extensão como uma oportunidade de promover o desenvolvimento de uma consciência ambiental crítica em populações em estado de vulnerabilidade socioeconômica, na maioria dos casos de zonas rurais com difícil acesso à informação, contribuindo com a formação de futuros adultos críticos e



preocupados com as problemáticas ambientais (Loureiro, 2012). Tais evidências reforçam o explicitado por Tesser et al. (2018), de que as práticas extensionistas, ao exporem os alunos a realidades diversas, promovem a intersecção entre conteúdos teóricos e a realidade social, contribuindo efetivamente na formação de profissionais críticos e capazes de promoverem, de forma ativa, a justiça social. Outros comentários consideraram a necessidade individual de desenvolver habilidades de comunicação em público, técnicas de didática, aprender a fazer divulgação científica, entre outros. Isso evidencia, mais uma vez, que alunos de graduação enxergam a capacidade e a importância da extensão em seu processo de formação profissional.

Ainda nessa linha de raciocínio, dos 38 entrevistados, 88,9% e 94,4% afirmaram que o projeto lhes trouxe benefícios notáveis em relação a sua vida pessoal, e também, em seu desempenho acadêmico, respectivamente (Figura 1A, B). Para os egressos, havia uma pergunta que questionava se a sua participação havia acarretado impactos positivos em âmbito profissional. Das cinco respostas obtidas a esta pergunta, foram positivas, o que corresponde a um total de 80% (Figura 1C). Dentre esses benefícios, foram consideradas, em uma questão fechada, as habilidades e competências desenvolvidas em decorrência à experiência extensionista. As principais habilidades desenvolvidas ao longo do projeto, de acordo com os entrevistados, são a comunicação, caracterizada pela capacidade de transmitir conteúdos científicos, com sete votos (38,9%) e a didática, que se refere a facilidade em desenvolver estratégias para explicar um determinado conteúdo, com cinco votos (27,8%) (Figura 2). Outras competências observadas nos comentários envolvem o fortalecimento da autonomia, da capacidade de resolução de conflitos e trabalho em equipe.

Em suas respostas, os voluntários mencionam que as crianças são um público imprevisível, logo, muitas situações inesperadas surgiam, e com isso, era necessário pensar em diferentes estratégias a fim de lidar com essas situações. Outro ponto interessante abordado é que, o fato da maioria dos indivíduos do público alvo ainda serem muito novos ou terem acesso limitado à informação, requer do extensionista a adequação eficaz do conteúdo científico, a fim de transmiti-lo de forma eficaz e verdadeiramente entendível. Isso põe em evidência o caráter emancipatório estimulador da autonomia que a extensão apresenta por permitir que haja a aplicação de conteúdos teóricos na prática e em diferentes contextos (Freire, 1996), além de seu papel essencial



na formação de profissionais qualificados capazes de contornar as situações desafiadoras que poderão vir a se deparar durante o exercício de sua profissão.

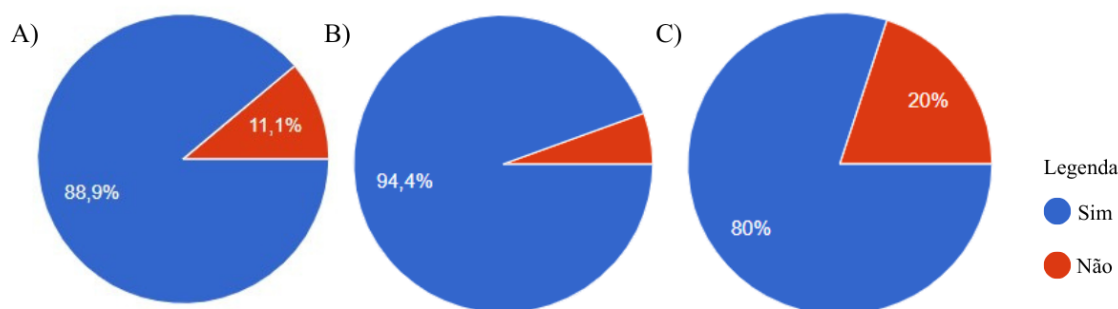


Figura 1. Gráfico que representa a percepção dos entrevistados em relação aos impactos positivos proporcionados pelo projeto de extensão em **A)** sua vida pessoal, **B)** seu desempenho acadêmico, e **C)** para egressos, em sua carreira profissional.

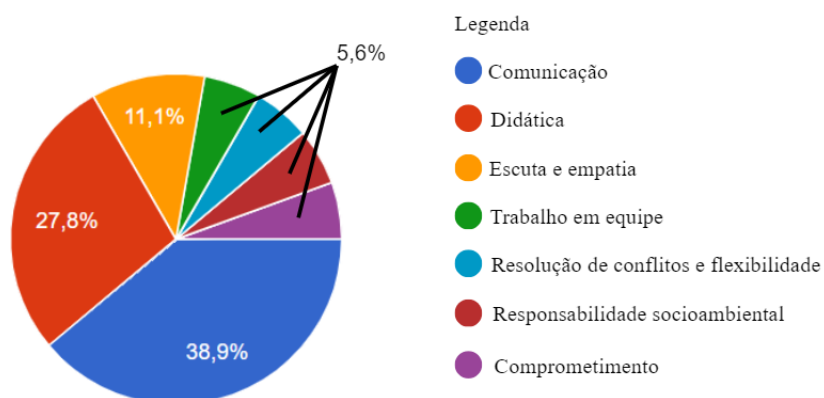


Figura 2. Principais habilidades e competências proporcionadas pelas experiências vivenciadas no projeto de extensão “Amigos do Cerrado” de acordo com os entrevistados.

Outro ponto importante observado nas respostas dos entrevistados, muito pertinente de ser mencionado, foi como a vivência em sala de aula e o contato com a educação básica, práticas que normalmente não são proporcionadas pelo bacharelado, como apontado por um voluntário, foram capazes de alterar a visão acerca da carreira docente. Em seus comentários, diferentes voluntários disseram descobrir um desejo, até então desconhecido, de se tornarem professores, e como passaram a respeitar ainda mais a profissão. Isso reforça, novamente, a capacidade dos projetos de extensão na área da educação no processo de formação universitária (achar as citações na introdução que falam disso). Para mais, outras respostas consideraram ainda a oportunidade de



conhecer novas áreas de atuação do biólogo, áreas estas, que na maioria dos casos, não são facilmente associadas à profissão. Dois dos participantes que são egressos deram, inclusive, entusiasmantes relatos sobre suas vidas profissionais, tendo um se tornado educador, e outro tendo atuado como coordenador de um projeto em Educação Ambiental.

Por fim, outro aspecto que deve ser discutido é a respeito de qual é o entendimento que os estudantes universitários têm do que é de fato a extensão e qual a sua função. De acordo com Santos (2012) e Peretiatko et al. (2020), desde o seu surgimento e o início de sua prática nas universidades brasileiras, a percepção do que é extensão sofreu diversas alterações e ressignificações. No entanto, os debates sobre as práticas, sua importância, e as formas de implementação e condução de projetos de extensão que atendam seus requisitos fundamentais ainda são limitados dentro das instituições de ensino superior (Peretiatko et al., 2020). Logo, é esperado que grande maioria da comunidade acadêmica não entenda de fato o que é o fazer extensionista e qual deve ser o seu verdadeiro propósito. Isso fica evidente em muitas respostas obtidas nesta pesquisa.

Dos 38 entrevistados, existiram os que alegaram não saber do que se tratava ou o que fazia um projeto de extensão, ou que acreditavam ser um meio único e exclusivo de adquirir horas complementares, até aqueles que tinham uma visão simplista e conservadora. Segundo esses voluntários, antes de sua participação, acreditavam que a extensão tratava-se de transmitir, de maneira passiva, os conhecimentos produzidos dentro dos muros da universidade para a comunidade ao seu redor, o que corresponde a um pensamento antigo, e que de acordo com Soares et al. (2019), deve ser ressignificado. Peretiatko et al. (2020) encontraram resultados semelhantes em sua pesquisa, como a crença de que a sociedade é uma mera receptora dos conhecimentos trazidos pela universidade. Entretanto, a experiência e a oportunidade de vivenciar na prática um projeto de extensão mostrou ser capaz e também muito eficaz em mudar essa convicção. Quando perguntados se haviam percebido que sua participação no projeto mudou sua forma de pensar, a esmagadora maioria, exceto dois entrevistados que já haviam comentado já saber do que se tratava, afirmou que sim. As respostas obtidas deixaram claro que o contato direto com a comunidade e o entendimento de sua realidade social possibilitou aos extensionistas enxergar que os saberes populares possuem inegável validade, e que na verdade, a extensão promove a troca mútua destes



saberes, culminando na produção de novos conhecimentos baseados em seus contextos socioculturais e necessidades (Soares et al. 2019). É esse conhecimento, resultado da associação entre a pesquisa, ensino e extensão capaz de promover o desenvolvimento humano profissional e integral, permitindo assim, que a universidade cumpra seu papel social (Santos, 2018; Pinheiro e Narciso, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento em atividades extensionistas permite aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências requeridas em diversos momentos durante o curso de graduação, além de possibilitar que vivenciem, na prática, o exercício de sua profissão em distintas áreas de atuação. Além disso, o contato com realidades sociais distintas é capaz de promover o desenvolvimento de um pensamento crítico e consciência social, contribuindo com a formação cidadã, mas também, com a formação de um profissionais críticos capazes de atuar de forma efetiva na transformação da sociedade. Dessa forma, fica evidente o grande potencial que projetos de extensão apresentam na formação acadêmica, capacitação profissional e desenvolvimento pessoal de estudantes universitários.

Por fim, trabalhos como este apresentam, acima de tudo, o potencial de fomentar algumas discussões essenciais ao fazer extensionista. A investigação de parâmetros como a visão dos extensionistas sobre o que é e qual o papel dos projetos de extensão em sua formação e na sociedade, se há ou não indícios da influência destes projetos nas comunidades que em que estes são conduzidos, dentre outros, pode contribuir para a consolidação da extensão universitária, evidenciando para a comunidade acadêmica no geral o seu papel fundamental nas universidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.; BATISTA, D. A.; LIMA, L. A.. Amigos do Cerrado: a experiência da extensão universitária com a educação ambiental em ensino fundamental de escolas públicas. In: LIMA, M. J. G. S.. *et al.* (org.). **Educação ambiental no contexto curricular e interdisciplinar**. São Luís: EDUFMA. Tomo 2. Coletânea I: Educação Ambiental e suas aplicabilidades. 491 P, 2021.



BARDIN, L.. Análise de conteúdo. Lisboa: **Edições 70**, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 7, de 17 de dezembro de 2018. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira**. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de dezembro de 2018. Seção 1, p.1-4. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 26 out. 2025.

FREIRE, P.. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1977.

FREIRE, P.. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

GADOTTI, M.. Extensão universitária: para quê? São Paulo: **Instituto Paulo Freire**, 2016.

GIL, A. C.. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: **Atlas**, 2019.

KLAUCK, C. R.; BRODBECK, C. F.. Educação ambiental: um elo entre conhecimento científico e comunidade. **Revista Conhecimento Online**, V. 1, N. 2, 2010. Disponível em: <<https://revistaconhecimentoonline.com/index.php/rc/article/view/41>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LIMA, M. J. G. S.. Educação ambiental e ensino de ciências. Belo Horizonte: **SBEnBio**, 2019.

LOUREIRO, C. F. B.. Educação ambiental crítica: fundamentos e práticas. 4. ed. São Paulo: **Cortez**, 2012.

PERETIATKO, J.; OSTERNACH, Y. M.; FERNANDES, R. M.; AFFONSO, A. L. S.; REBECA, R.; KATAOKA, A. M.. Contribuições da extensão universitária para a formação acadêmica a partir de um projeto de educação ambiental. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, V. 11, N. 3, P. 417-427. 2020.

PINHEIRO, J. V.; NARCISO, C. S.. A importância da inserção de atividades de extensão universitária para o desenvolvimento profissional. **Revista Extensão & Sociedade**, V. 14, N. 2, jun./nov. 2022. Disponível em: <<https://revistaextensaoesociedade.com.br/index.php/revista/article/view/203>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SOARES, A. G; LIMA, M. J. G. S; KAPLAN, L.. Educação ambiental crítica na escola: impactos de um projeto de extensão universitária na formação inicial de professores de ciências biológicas. **XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC**. P. 1-6. 2019.

SOUSA, D. S. *et al.*. Experiência extensionista na construção de material didático para o ensino da educação ambiental. **Revista Principia**, V. 59, N. 2, P. 619–631, 2022.



TESSER, N. *et al.*. Extensão universitária no processo de formação acadêmica. Joaçaba: **Unoesc**, 2018.

